

O GRUPO DE OPERAÇÕES ESPECIAIS E O SAR (1)

Cap JOSÉ CARLOS SARAIVA DOS SANTOS
Save Our Souls!

Dentre os diversos e importantes objetivos do Curso de Operações Especiais existem dois, os quais tão importantes quanto os demais, de muito dignificam e enobrecem a missão do OE (2) pelo que de solidariedade humana e amor ao próximo encerram.

Trata-se de atividades que julgamos serem praticamente desconhecidas por parte da grande maioria das Forças Armadas, e da quase totalidade da população civil. Este desconhecimento, o desejo de esclarecê-lo, ou, ao menos, diminuí-lo é o nosso propósito. Acreditamos sinceramente que após sua leitura e difusão muita paz de espírito e tranqüilidade advirão àqueles que têm, em algum momento, um ente querido, um amigo, um familiar enfrentando as probabilidades de um vôo em região deserta ou selvática, ou, vivendo em região assolada pela fúria da Natureza ou do Homem.

- SOCORRO E AJUDA A POPULAÇÕES AMEAÇADAS POR CATASTROFES;
- BUSCA E SALVAMENTO TERRESTRE.

São apenas estas as missões as quais acima nos referimos, "panache" do Grupo de Operações Especiais; missões que absorvem quase que a totalidade dos conhecimentos ministrados no Curso de Operações Especiais. Talvez o leitor estranhe a presença no currículo de Operações Especiais — curso de objetivos essencialmente militares, voltado inteiramente para o desenvolvimento e exageração das características agressivas do aluno — destas atividades aparentemente vazias de conteúdo militar e de finalidade para o combate.

Porém, se se reportar aos objetivos do Curso publicados em número anterior da "Defesa Nacional" (n. 561), compreenderá perfeitamente tal fato. Por outro lado, tamanha é a prática e tantos são os conhecimentos necessários para o cumprimento destas missões, muitos deles totalmente apartados dos programas normais de ensino nas Forças Armadas e, adquiridos nos mais diversos órgãos civis e militares do País, que somente um curso do caráter e grandeza do Curso de Operações Especiais poderia reuni-los todos.

(1) SAR: (Search and Air Rescue) — sigla internacional dos órgãos de busca e salvamento (aéreo)

(2) OE: sigla designativa dos militares possuidores do Curso de Operações Especiais.

Se nos lembrarmos ainda, da complexidade dos problemas que envolvem a retirada ou evacuação de uma tripulação abatida em território inimigo, ou das recentes atividades assistenciais de equipes do 77 th SPECIAL FORCES na Tailândia, apenas isto constituiria motivo forte e suficiente para manutenção e desenvolvimento dos assuntos em tela.

Durante mais de dois anos após a conclusão do primeiro Curso, desconhecido que era êste aspecto da formação do OE, aguardou o Grupo de Operações Especiais uma oportunidade para ser empregado em missões para as quais estava plenamente capacitado, certos todos do muito que poderiam fazer em benefício de alguém em situação aflitiva, ou de tóda uma população sob risco de destruição ou doença.

O mês de Março de 1960 despontou prenunciando graves acontecimentos; sob o pêso de aguaceiro impiedoso e constante, invertia-se o drama do Nordeste: de modo aterrador engrossavam as correntes dos rios Jaguaribe e Parnaíba, ao mesmo tempo que colossal massa líquida forçava a barragem, em construção, do Açude de Orós, ameaçando com o espectro terrível de morte e destruição, fome e epidemias, tóda uma população.

A 27 de Março, com um aviso prévio de duas horas deslocaram-se, do Nu D Aét, com destino a Fortaleza e Terezina, duas equipes de Operações Especiais, as quais, reforçadas por elementos da Companhia de Manutenção de Pára-quedas, e apoiadas em meios aéreos pelo 1º Grupo de Transporte de Tropas e pelo Esquadrão de C-82 da Base Aérea dos Affonsos, receberam por missão:

- reconhecer a região assolada pela inundação;
- suprir as populações isoladas.

Durante 17 dias estas duas equipes prepararam e lançaram, ou transportaram, um total de 70 toneladas de gêneros, roupas e medicamentos, sôbre 39 localidades, em missões muitas vêzes repetidas, voando até doze horas por dia nos mais diversos tipos de aeronaves, em impressionante demonstração de adaptação e versatilidade técnica.

Improvisando fardos e pára-quedas, atravessando as noites no preparo e planejamento das missões, ao receberem os OE ordem para retornarem à sua Unidade, após a transposição da fase crítica da catástrofe, o fizeram com a certeza de haverem cumprido plenamente a missão recebida, e mais ainda, convictos de terem demonstrado cabalmente a objetividade de sua preparação, quer técnica quer física, para êste gênero de operação.

Os conhecimentos práticos então adquiridos foram de enorme valia e, compensaram plenamente os esforços dispendidos. Planejamento de missões, acondicionamento e amarração de cargas, técnica de lançamento livre de material, foram objeto de experiências e estudos. Hoje, aperfei-

çoados, constituem processos de largo e corrente emprêgo em missões, quer de socorro, quer de suprimento aéreo em combate.

Os pára-quedas e pacotes, naquela época improvisados por força da necessidade, hoje constituem meios normais de emprêgo, constatado que foi o rendimento obtido, economia de material e facilidade de montagem.

Somente então se concretizou u'a mais estreita ligação com o SAR, que resultou no concôrto de uma série de providências a serem tomadas, visando alcançar um máximo de eficiência e de cooperação:

a) manutenção de equipes de Operações Especiais de sobreaviso, revezando-se semanalmente, em condições de embarcar para qualquer ponto do País dentro de um limite máximo de 3 horas, a contar da hora da mobilização;

b) formação básica e especializada aeroterrestre de oficiais e graduados da FAB — aviadores, intendentos, e principalmente, elementos do Serviço de Saúde — com o fim de, à disposição do SAR, integrarem as equipes de Operações Especiais em missões de busca e salvamento;

c) organização de uma lista de material especializado, individual e coletivo, necessário;

d) escolha de um local para depósito do material já acondicionado, incluindo três tipos diferentes de pára-quedas, um deles para saltos em queda livre. Deveria ser este depósito organizado de preferência na Base Aérea dos Affonsos, facilitando a rápida retirada do material e seu embarque;

e) organização de um Plano de Chamada, com o objetivo de diminuir ao mínimo o tempo entre a chamada de uma equipe e sua apresentação;

f) estágio técnico de lançamento de pessoal e material de bordo de aeronaves utilizadas em missões de busca e salvamento, quer de asa fixa, quer de asa rotativa: helicópteros H-13 e H-19, e aviões C-47 e SA-16 (Albatroz);

g) por último, e mais importante: ligação entre os Estados Maiores da FAB e do Exército, a fim de que fôsse estabelecida a autoridade competente para determinar as missões e partida de equipes de Operações Especiais.

De tôdas estas providências, sem dúvida indispensáveis, algumas já se concretizaram, e outras se acham orientadas no sentido de serem ultimadas, o que esperamos aconteça brevemente.

São detalhes pequenos e simples de serem resolvidos, os quais facilitariam sôbremaneira o cumprimento de u'a missão, e que podem sig-

nificar para um sobrevivente Vida ou Morte, e para sua família a alegria de um reencontro ou o luto de uma perda.

O Grupo de Operações Especiais está preparado; durante 7 meses, cada um de seus membros, buscando tornar-se um perfeito conhecedor de sua especialidade, trabalhou àrduamente, estudando, percorrendo tôdas as regiões do Brasil, lançando-se nas mais difíceis ZL (3). Enfrentou o frio da montanha, a lama dos pantanais, a agressividade constante da selva, a aspereza e o calor do deserto.

Durante 30 dias, em verdadeira prova de vigor, energia e fibra, empenhou-se nos mais duros testes existentes em nosso Exército, ultrapassando os estágios de Guerra na Selva e na Montanha. Juntou o dia com a noite freqüentando hospitais, maternidades, laboratórios, visando oferecer na sua aprendizagem médica algo mais além do clássico: "Estancar Hemorragias — Prevenir o Choque — Proteger O Ferimento".

Trocou as horas, tensas e perigosas de manuseio com explosivos, não apenas aprendendo a destruir, mas a construir — pistas avançadas, zonas de pouso — por outras longas horas, enervantes e monótonas, de prática de comunicações com os mais diversos tipos de aparelhos, atuais e obsoletos.

Deslocou-se em jornadas custosas e árduas para o interior, para o próprio coração do País, a fim de inteirar-se com reais autoridades no assunto das características psicológicas e sutilezas diplomáticas do trato com o nosso índio.

Tudo isto, e muitas outras coisas, que deixamos de citar temerosos de enfastiar o leitor, todo êste trabalho, todo êste dispêndio de energias, desgaste de material, tôda esta realização que sabemos e reconhecemos ser onerosa, não pode, não deve ser feita em vão.

Não deve ser apenas o que atualmente é: um tesouro duramente alcançado, cujos custodiários desejam mas não podem distribuí-lo a quem dêle necessita, tesouro imenso de Esperança, Confiança e Caridade!

E' pouco, muito pouco mesmo o que o Grupo de Operações Especiais necessita para fazer.

Qualquer Coisa...

A Qualquer Hora...

Em Qualquer Lugar...

De Qualquer Maneira...

também para salvar vidas humanas!

(3) ZL: Zona de Lançamento de pára-quedistas ou de material.